

Durante a crise sanitária no Irã, conflitos entre países próximos se propagam no comitê.

Vírus se alastra no Irã e fomenta discussões em países do Oriente Médio e da Europa.

Por: ANA KATHERINE C. SOEIRO.

Na terça-feira, 10 de setembro, colocou-se em debate a instabilidade sanitária que ocorre no Irã: um novo vírus surgiu e se alastra pelo país. Durante a reunião, os tópicos de economia e saúde movimentaram as opiniões de cada delegação. No decorrer da argumentação, a maioria dos países se mostraram prestativos em ajudar o Estado que necessita, visando questões econômicas, visto que o carecido é um grande exportador de petróleo. Entretanto, Israel inicialmente se posicionou de forma indiferente, uma vez que tal adversidade não afetaria seu território. Enquanto isso, Arábia Saudita, na intenção de socorrer o Irã, exige ações das demais delegações.

Tal cobrança gerou indignação nos diplomatas franceses que, mesmo tendo se comprometido a amparar os iranianos, questionaram a “bondade” do país. “A Arábia Saudita, apesar de estar forçando ajuda, nunca historicamente prestou essa ajuda, nunca apoiou de verdade, sempre esteve ao lado dos EUA, ao lado do Ocidente, ao invés de estar ao lado do Irã ou da ‘liga’ árabe no geral”, afirma delegado europeu Nicolas Zanin. Em contrapartida, a representação da Arábia Saudita alega que, embora tenha seus desacordos com o país em foco, prioriza conter a crise, por serem territórios geograficamente próximos, não por bondade, mas, sim, por “senso”.

No decurso das argumentações, Israel tentou mudar seu posicionamento, algo que não passou despercebido, gerando mais conflitos. Diplomatas israelenses, para amenizar seus primeiros depoimentos e melhorar sua relação com Estados vizinhos, propuseram assistência, contando com o investimento de outras soberanias. Essa irregularidade não foi bem recebida na comissão, fazendo com que o próprio Irã duvidasse do auxílio que seria prestado. Devido a essa rejeição, Israel retirou sua proposta de amparo, negando ajuda humanitária, inconformados com o desapoio dos demais. Diante desse cenário, a França se envolveu novamente, discordando com o parecer de Israel de recusar assessoria, classificando a façanha como “absurda”.